



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Registro: 2025.0000310927

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos estes autos de Apelação Cível nº 1003942-53.2023.8.26.0572, da Comarca de São Joaquim da Barra, em que é apelante/apelado BANCO BRADESCO S/A, é apelado/apelante GONÇALVES PREVIATO.

ACORDAM, em sessão permanente e virtual da Núcleo de Justiça 4.0 em Segundo Grau – Turma V (Direito Privado 1) do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferir a seguinte decisão: **Deram parcial provimento ao recurso do réu, prejudicado o do autor. V.U.**, de conformidade com o voto do relator, que integra este acórdão.

O julgamento teve a participação dos Desembargadores CARLOS EDUARDO PACHI (Presidente sem voto), RUI PORTO DIAS E RICARDO PEREIRA JÚNIOR.

São Paulo, 31 de março de 2025.

MARCOS DE LIMA PORTA

Relator(a)

Assinatura Eletrônica

Apelação: 1003942-53.2023.8.26.0572

Apelantes: Gonçalves Previato e Banco Bradesco S.A.

**Apelados e Interessados: Sebraseg Clube de Benefícios S/A,
Binclub Serviços de Administração e de Programas de
Fidelidade LTDA.**

Comarca: São Joaquim da Barra

Voto nº 10.011

**PRELIMINAR. ILEGITIMIDADE PASSIVA.
AFASTADA. APELAÇÃO. AÇÃO
DECLARATÓRIA DE INEXIGIBILIDADE
DE DÉBITO CUMULADA COM
INDENIZAÇÃO POR DANOS MORAIS.
Sentença de procedência parcial.
Devolução em dobro. Danos morais de
R\$ 10.000,00. Inconformismo das
partes. Parcial procedência. Relação
jurídica inexistente. Impugnação de
assinatura aposta no contrato. Perícia
realizada. Falsificação constatada.
Impugnação de assinatura aposta no
contrato. Perícia realizada. Falsificação
constatada. Falha na prestação de
serviço. Devolução simples dos valores
descontados do benefício. Ausência de
prova de má-fé. Dano moral não
comprovado. Reforma parcial da**

**sentença. Recurso da ré parcialmente
provido. Recurso do autor prejudicado.**

GONÇALVES PREVIATO E BANCO BRADESCO S.A. interpõem apelação contra a r. sentença de fls. 291/297, cujo relatório se adota, que julgou "PROCEDENTES os pedidos, para DECLARAR a inexigibilidade dos débitos, bem como CONDENAR os requeridos, solidariamente, à restituição dos valores indevidamente descontados da conta bancária da parte autora, de forma dobrada, acrescidos de juros contados da citação, calculados nos termos do art. 406, §§ 1º ao 3º, do Código Civil e atualização monetária a partir de cada desconto indevido, conforme a variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), apurado e divulgado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou do índice que vier a substituí-lo, nos termos do art. 389 do Código Civil, ambos segundo o teor introduzido pela Lei 14.905/2024. CONDENO os réus, ainda, também de forma solidária, ao pagamento de indenização por danos morais no importe de R\$ 10.000,00 (dez mil reais), com juros contados da citação, calculados nos termos do art. 406, §§ 1º ao 3º, do Código Civil e atualização monetária, a partir do arbitramento (Súmula nº 362 do STJ), conforme a variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor

Ampla (IPCA), apurado e divulgado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou do índice que vier a substituí-lo, nos termos do art. 389 do Código Civil, ambos segundo o teor introduzido pela Lei 14.905/2024. Por conseguinte, JULGO EXTINTO O PROCESSO, COM RESOLUÇÃO DO MÉRITO, o que fundamento no artigo 487, I, do Código de Processo Civil. Condeno aos requeridos ao pagamento das custas, despesas processuais e honorários advocatícios fixados em 10% sobre o valor atualizado da condenação” (fl. 218).

O banco recorre (fls. 305/327) e, em preliminar, alega sua ilegitimidade passiva. No mérito, pede a improcedência da demanda e, subsidiariamente, seja afastada a devolução em dobro e a indenização por danos morais.

O autor apela adesivamente (fls. 349/356) e requer a reforma da sentença para que sejam majorados os danos morais e os honorários advocatícios.

Contrarrazões recursais nas fls. 342/348 e 360/372.

Recursos tempestivos e sem recolhimento de preparo pelo autor, por ser beneficiário da gratuidade de Justiça (fl. 19), e devidamente recolhido pelo banco apelante (fls. 328/329).

Não houve oposição ao julgamento virtual.

Esse é o relatório.

Conheço dos recursos, pois presentes os requisitos legais.

Inicialmente, quanto à alegada ilegitimidade passiva do banco, verifico que não prospera, sendo de rigor o seu afastamento.

Evidente a legitimidade do banco para figurar no polo passivo.

Com efeito, os débitos discutidos nos autos, que deram azo aos descontos indevidos, foram realizados na conta corrente mantida pelo autor junto ao banco apelante.

Com isso, o objeto da lide é a regularidade desses débitos, sendo de responsabilidade do banco em que é correntista o consumidor, a verificação dos débitos automáticos realizados da conta do consumidor, pelo que em discussão a falha na prestação de serviço do banco, daí resulta a sua legitimidade passiva.

Afastada a preliminar, passo à análise do mérito.

No mérito, verifico que o recurso do

banco merece parcial provimento.

Passo à análise conjunta dos recursos.

Cinge a controvérsia acerca da (in)existência de relação jurídica entre as partes e da ocorrência de danos morais advindos do caso.

Verifico que o autor-apelante afirma desconhecer a realização de contrato firmado com a parte requerida, alegando que não realizou nenhuma contratação com os apelados, que justificariam os descontos mensais em sua conta corrente.

Cumprе salientar que a relação jurídica estampada nos autos se amolda como relação de consumo, nos termos do Código de Defesa do Consumidor.

Com efeito, verifico que o requerente, exposto à prática comercial de ser alvo de cobrança de dívidas, enquadra-se na condição de consumidor por equiparação, pois patente sua vulnerabilidade na relação contratual supostamente estabelecida com o banco, este que se enquadra na definição de fornecedor, trazida no art. 3º do Código de Defesa do Consumidor.

Ressaltando-se que em relação ao banco apelante se aplica ao presente caso o Código de

Defesa do Consumidor, consoante entendimento consolidado na Súmula nº 297 do Colendo Superior Tribunal de Justiça, que possui o seguinte enunciado:

O Código de Defesa do Consumidor é aplicável às instituições financeiras.

Assim, inicialmente, saliento que configurada a relação consumerista entre as partes, sujeita às normas consumeristas, sendo cabível a aplicação da inversão do ônus da prova, previsto no artigo 6º, inciso VIII, do Código de Defesa do Consumidor.

No caso em tela, observa-se que o autor-apelante não reconhece a realização de qualquer contrato com os apelados e com o banco apelante, alegando desconhecer os termos e serviços prestados.

Bem verdade que, ante o avanço da tecnologia da informação, a prestação de diversos serviços, passou a ser realizada por meio de aplicativos de celular e por sítios na internet.

Contudo, diante da impugnação do autor-apelante quanto à autenticidade da subscrição constante no contrato juntado, cabia aos réus, dentre eles o banco apelante, o ônus de comprovar sua autenticidade.

Conforme entendimento esposado

pelo C. Superior Tribunal de Justiça no julgamento do Tema Repetitivo nº 1061, na hipótese de impugnação de assinatura aposta em contrato bancário juntado aos autos pela instituição financeira, é desta o ônus da prova de sua autenticidade, nos termos do disposto no art. 429, II, do Código de Processo Civil. Confira-se:

RECURSO ESPECIAL. PROCESSUAL CIVIL. ACÓRDÃO PROFERIDO EM IRDR. CONTRATOS BANCÁRIOS. EMPRÉSTIMO CONSIGNADO. DOCUMENTO PARTICULAR. IMPUGNAÇÃO DA AUTENTICIDADE DA ASSINATURA. ÔNUS DA PROVA. RECURSO ESPECIAL PARCIALMENTE CONHECIDO E, NESSA EXTENSÃO, DESPROVIDO. 1. Para os fins do art. 1.036 do CPC/2015, a tese firmada é a seguinte: 'Na hipótese em que o consumidor/autor impugnar a autenticidade da assinatura constante em contrato bancário juntado ao processo pela instituição financeira, caberá a esta o ônus de provar a sua autenticidade (CPC, arts. 6º, 368 e 429, II).' 2. Julgamento do caso concreto. 2.1. A negativa de prestação jurisdicional não foi demonstrada, pois deficiente sua fundamentação, já que o recorrente não especificou como o acórdão de origem teria se negado a enfrentar questões aduzidas pelas partes, tampouco discorreu sobre as matérias que entendeu por omissas. Aplicação analógica da Súmula 284/STF. 2.2. O acórdão recorrido imputou o ônus probatório à instituição financeira, conforme a tese acima firmada, o que impõe o desprovisionamento do recurso especial 3. Recurso especial parcialmente conhecido e, nessa extensão, desprovido. (REsp n. 1.846.649/MA. Rel. Ministro Marco Aurélio Bellizze, Segunda Seção. J. 24.11.2021).

Com efeito, nomeado perito para realização de perícia grafotécnica nos documentos juntados, veio o laudo pericial (fl. 257/274), no qual constou:

[...] A análise comparativa dos Elementos Objetivos da Escrita feita por este perito leva à conclusão de que a assinatura lançada no contrato anexado à f.113 dos autos, não provieram do mesmo punho escritor, ou seja, as assinaturas NÃO PROVIERAM DO PUNHO DO SR. GONÇALVES PREVIATO.

Além das conclusões acima transcritas, o perito grafotécnico discorreu pormenorizadamente a respeito de todas as diferenças entre a assinatura verdadeira do autor e àquelas constantes nos documentos contestados, apresentando inclusive uma tabela (fls. 272/273) em que aponta uma a uma das diferenças encontradas.

Com isso, translúcido se tratar de contratação fraudulenta, não tendo o banco tomado as devidas cautelas, conferindo a idoneidade do contratante e dos documentos apresentados.

Em se tratando de fortuito interno da instituição financeira, sob a qual recai a responsabilidade objetiva de indenização pelo dano causado. Aliás, essa é a inteligência da Súmula 479 do STJ, que tem o seguinte enunciado:

As instituições financeiras respondem objetivamente pelos danos gerados por fortuito interno relativo a fraudes e delitos praticados por terceiros no âmbito de operações bancárias. (SÚMULA 479, SEGUNDA SEÇÃO, julgado em 27/06/2012, DJe 01/08/2012).

Destarte, mesmo tendo havido atuação de terceiros, não se verifica na hipótese destes

autos a incidência do art. 14, § 3º, II, do Código de Defesa do Consumidor.

Tal entendimento decorre da teoria do risco do negócio, adotada pelo Código de Defesa do Consumidor, a qual, segundo os ensinamentos de Carlos Roberto Gonçalves:

Funda-se no pressuposto de que o banco, ao exercer sua atividade com fins de lucro, assume o risco dos danos que vier a causar. A responsabilidade deve recair sobre aquele que aufera os cômodos (lucros) da atividade, segundo o basilar princípio da teoria objetiva: *Ubi emolumentum, ibi onus*. (GONÇALVES, Carlos Roberto. Responsabilidade Civil. 8ª Edição, 2003, p. 339).

Diante da não comprovação da existência dos negócios jurídicos e reconhecida a inexigibilidade do débito, de rigor sejam as partes conduzidas ao *status quo ante*, com a devolução dos valores descontados irregularmente.

No mais, ressalto a inviabilidade de prova negativa de fato, no caso, que o autor-apelante comprovasse que não aderiu ao contrato, ou de que não tinha ciência dos termos, saliento que a prova era ônus da ré para o fim de demonstrar a existência de fato modificativo do direito alegado pelo apelante, nos termos do art. 373 do Código de Processo Civil:

O ônus da prova incumbe:

I - ao autor, quanto ao fato constitutivo de seu direito;

II - ao réu, quanto à existência de fato impeditivo, modificativo ou extintivo do

direito do autor.

Assim, cabia aos réus, com fundamento no art. 373, inciso II, do Código de Processo Civil, demonstrar a regularidade da contratação impugnada, ônus que não se desincumbiram.

Em casos semelhantes, têm decidido o Tribunal de Justiça Bandeirante:

APELAÇÃO CÍVEL – AÇÃO DECLARATÓRIA DE INEXISTÊNCIA DE DÉBITO C.C. INDENIZAÇÃO POR DANOS MATERIAIS E MORAIS – DESCONTOS EM BENEFÍCIO PREVIDENCIÁRIO – CONTRATAÇÃO AMPARADA EM GRAVAÇÃO TELEFÔNICA – SENTENÇA DE PROCEDÊNCIA PARCIAL – RECURSO DO AUTOR QUE PRETENDE A RESTITUIÇÃO EM DOBRO DOS VALORES INDEVIDAMENTE DESCONTADOS E PEDE O RECONHECIMENTO DOS DANOS MORAIS INDENIZÁVEIS. Desconto ilegal de valores em benefício previdenciário, embora abusiva a filiação do autor por via telefônica. Previsão normativa (Instrução Normativa INSS/PRES nº 28/2008 atualizada pela Instrução Normativa INSS/PRESS nº 39, de 18 de junho de 2009) que veda a contratação por via telefônica. Áudio vago e impreciso, caracterizando a violação ao dever de informação. Devolução dos descontos indevidos, em dobro, que é de rigor. Dano moral caracterizado. "Quantum" de R\$5.000,00 razoável e adequado à hipótese. SENTENÇA REFORMADA. RECURSO PROVIDO. (TJSP; Apelação Cível 1004993-95.2024.8.26.0077; Rel. Desembargador Olavo Paula Leite Rocha; Órgão Julgador: 5ª Câmara de Direito Privado; Foro de Birigui - 3ª Vara Cível; Data do Julgamento: 15/12/2011; Data de Registro: 14/03/2025)

DIREITO CIVIL E DO CONSUMIDOR. APELAÇÃO CÍVEL. CONTRATO DE FILIAÇÃO NÃO COMPROVADO. DESCONTO INDEVIDO EM BENEFÍCIO PREVIDENCIÁRIO. INVERSÃO DO ÔNUS DA PROVA. FALHA NA PRESTAÇÃO DE SERVIÇO. INEXISTÊNCIA DE VÍNCULO ASSOCIATIVO. RESTITUIÇÃO EM DOBRO. DANO MORAL CONFIGURADO. RECURSO PROVIDO. I. CASO EM EXAME 1. Ação declaratória ajuizada visando à declaração de inexistência de vínculo associativo, à restituição em dobro dos valores descontados de seu benefício previdenciário e à condenação da ré por danos morais. Alegou nunca ter se filiado à associação. A sentença de primeiro

grau julgou improcedente o pedido. A autora interpôs apelação, requerendo a reforma da sentença. II. QUESTÃO EM DISCUSSÃO 2. Há duas questões em discussão: (i) verificar a existência de relação jurídica válida entre a autora e a associação ré a justificar os descontos realizados em seu benefício previdenciário; (ii) analisar o cabimento da restituição dos valores descontados e a indenização por danos morais, com seus respectivos critérios de atualização. III. RAZÕES DE DECIDIR 3. A parte ré não comprovou, de forma inequívoca, a existência de vínculo associativo válido, tampouco forneceu prova documental suficiente para demonstrar a regular contratação. 4. A gravação telefônica juntada aos autos não contém informações claras e adequadas sobre os serviços prestados, violando o direito à informação previsto nos arts. 6º, III, 30, 31 e 46 do CDC. 5. A ausência de instrumento contratual físico e de comprovação da ciência da autora sobre os termos da filiação caracteriza prática abusiva, nos termos do art. 39, IV, do CDC. 6. O contrato deve ser interpretado com base na boa-fé objetiva, conforme o art. 113 do Código Civil, sendo privilegiada a interpretação mais favorável à parte que não redigiu o contrato. 7. A restituição em dobro dos valores descontados é devida, nos termos do art. 42, parágrafo único, do CDC, diante da má-fé evidenciada e da ausência de autorização válida. 8. O desconto indevido em benefício previdenciário, verba alimentar, extrapola o mero aborrecimento e caracteriza dano moral, passível de indenização. 9. O valor da indenização por danos morais deve observar os princípios da razoabilidade e proporcionalidade, sendo adequado o montante de R\$ 5.000,00, com função compensatória e pedagógica. IV. DISPOSITIVO E TESE 10. Recurso provido. Sentença reformada para declarar a inexigibilidade do contrato de filiação, com a cessação dos descontos, a restituição em dobros dos valores descontados e a condenação do requerido em indenização por danos morais. Tese de julgamento: A) A ausência de prova inequívoca da contratação do serviço impõe o reconhecimento da inexistência de vínculo jurídico e a inexigibilidade dos descontos realizados. B) A gravação telefônica genérica, sem informação clara e adequada, não comprova a ciência e a concordância da consumidora com a adesão associativa. C) É abusiva a prática de descontos em benefícios previdenciários sem prova de contratação válida, sendo cabível a restituição em dobro dos valores cobrados indevidamente, nos termos do art. 42, parágrafo único, do CDC. D) O desconto indevido de verba alimentar enseja dano moral indenizável, cujo valor deve observar os critérios de razoabilidade, proporcionalidade e função pedagógica da reparação. E) Os juros moratórios incidem desde a data do evento danoso (primeiro desconto indevido), e a

correção monetária pelo índice IPCA deve ser computada a partir do julgamento da condenação. Dispositivos relevantes citados: CDC, arts. 2º, 3º, 6º, III e VIII, 30, 31, 39, IV, 42, parágrafo único e 46; CC, arts. 113, 389, 404 e 406 (Lei nº 14.905/2024); CPC, art. 85, § 11. Jurisprudência relevante citada: TJSP, Apelação Cível 1001399-12.2024.8.26.0356, Rel. Des. José Aparício Coelho Prado Neto, j. 04/02/2025. TJSP, Apelação Cível 1007070-27.2024.8.26.0223, Rel. Des. Ramon Mateo Júnior, j. 31/01/2025. TJSP, Apelação Cível 1000952-85.2023.8.26.0638, Rel. Des. Daniela Cilentto Morsello, j. 21/11/2023. TJ, Súmula 54; STJ, REsp 248764/MG, Rel. Min. Sálvio de Figueiredo Teixeira, j. 09/05/2000. (TJSP; Apelação Cível 1007795-66.2024.8.26.0077; Rel. Desembargadora Léa Duarte; Órgão Julgador: Núcleo de Justiça 4.0 em Segundo Grau – Turma IV (Direito Privado 1); Foro de Birigui - 2ª Vara Cível; Data do Julgamento: 19/03/2025; Data de Registro: 19/03/2025).

Nesse sentido, não comprovada a anuência do autor-apelante, inviável que se dê como válidos os débitos.

Assim, de rigor seja declarada a inexistência da relação jurídica entre as partes e determinado o ressarcimento de valores descontados indevidamente pela associação.

Em relação à repetição dos valores cobrados indevidamente, ante a ausência de comprovação inequívoca de má-fé dos réus, não há que se falar em repetição de indébito em dobro, sendo o caso de reforma da sentença nesse capítulo, na mesma linha de entendimento do Colendo Superior Tribunal de Justiça:

AGRAVO REGIMENTAL. RECURSO ESPECIAL. CONTRATO. MÚTUO. SFH. AMORTIZAÇÃO. CRITÉRIO. TR. SALDO DEVEDOR. POSSIBILIDADE.

REPETIÇÃO DE INDÉBITO. FORMA SIMPLES. 1. Consoante entendimento assente neste Pretório, é possível a correção do saldo devedor do contrato de mútuo habitacional antes da amortização da prestação mensal. 2. Não há vedação legal para utilização da TR na correção do saldo devedor de contrato vinculado ao SFH, ainda que firmado antes da Lei 8.177/91, desde que pactuado o mesmo índice aplicável à caderneta de poupança. 3. A aplicação da sanção prevista no art. 42, parágrafo único, do Código de Defesa do Consumidor pressupõe a existência de pagamento indevido e má-fé do credor, o que, na hipótese, não está evidenciado. 4. Agravo regimental desprovido. (AgRg no REsp 1107478/SC. Rel. Ministro FERNANDO GONÇALVES, QUARTA TURMA. J.17.09.2009).

A propósito, o Superior Tribunal de Justiça tem sido pacífico:

AGRAVO INTERNO NO AGRAVO EM RECURSO ESPECIAL. AÇÃO REVISIONAL. JUROS REMUNERATÓRIOS. COBRANÇA DE TARIFAS DE CADASTRO, DE REGISTRO DE CONTRATO E AVALIAÇÃO DO BEM. ABUSIVIDADE NÃO CARACTERIZADA. ACÓRDÃO ESTADUAL EM TOTAL SINTONIA COM A JURISPRUDÊNCIA DESTE TRIBUNAL SUPERIOR. SÚMULA 83/STJ. DEVOLUÇÃO EM DOBRO INDEVIDA. AUSÊNCIA DE MÁ-FÉ. PRECEDENTES. AGRAVO INTERNO IMPROVIDO. 1. A jurisprudência pacífica desta Corte Superior é no sentido de ser possível, de forma excepcional, a revisão da taxa de juros remuneratórios prevista em contratos de mútuo, sobre os quais incide a legislação consumerista, desde que a abusividade fique cabalmente demonstrada, mediante a colocação do consumidor em desvantagem exagerada (art. 51, §1º, do CDC), de acordo com as peculiaridades do julgamento em questão. 2. A Corte de origem afastou a natureza abusiva dos juros remuneratórios pactuados, considerando que, na espécie, a taxa cobrança não foi significativamente mais elevada do que a de mercado. Rever tal conclusão demandaria reexame de matéria fática, inviável em recurso especial, nos termos das Súmulas 5 e 7/STJ. 3. Tendo o Tribunal local concluído pela inexistência de abusividade atinente às tarifas de registro e de avaliação do bem, o acolhimento da pretensão recursal também demandaria o revolvimento do acervo fático-probatório dos autos e a análise e interpretação de cláusulas contratuais, o que se mostra impossível ante a natureza excepcional da via eleita, conforme enunciado das Súmulas n. 5 e 7 do Superior Tribunal de Justiça. 4. Em relação à repetição em dobro de valores, o julgado estadual está em consonância com a jurisprudência do Superior

Tribunal de Justiça, que firmou o entendimento de que a repetição em dobro do indébito pressupõe a existência de pagamento indevido juntamente com a má-fé do credor, o que não ocorreu na espécie. 5. Agravo interno improvido. (AgInt no AREsp n. 2.496.313/GO, relator Ministro Marco Aurélio Bellizze, Terceira Turma, julgado em 19/8/2024, DJe de 23/8/2024.)

Nesse sentido, o E. Tribunal de Justiça de São Paulo também já decidiu:

DECLARATÓRIA DE INEXISTÊNCIA DE NEGÓCIO JURÍDICO CUMULADA COM DEVOLUÇÃO EM DOBRO DO INDÉBITO E INDENIZAÇÃO POR DANOS MORAIS PROCEDÊNCIA INSURGÊNCIA EM RELAÇÃO À DETERMINAÇÃO DE DEVOLUÇÃO EM DOBRO DOS VALORES INDEVIDAMENTE DESCONTADOS DO BENEFÍCIO PREVIDENCIÁRIO DO AUTOR CABIMENTO - É incabível a devolução em dobro do que foi cobrado indevidamente da autora, ante a inexistência de dolo, que é requisito exigido pelo art. 42, Parágrafo único, do CDC para autorizar referida imputação. Recurso provido, nessa parte. (TJSP. Apelação 1009591-34.2021.8.26.0001. Rel. Desembargador: Walter Fonseca. Órgão Julgador: 11ª Câmara de Direito Privado. J. 18.11.2022).

APELAÇÃO - RESTITUIÇÃO EM DOBRO - Pretensão do banco réu de reforma da r. sentença que julgou procedente pedido de devolução em dobro Cabimento - Hipótese em que há orientação firme do Eg. Superior Tribunal de Justiça de que a condenação à devolução em dobro é condicionada ao pagamento indevido e à existência de má-fé do credor, o que não ficou configurado no presente caso Entendimento que deve ser aplicado às cobranças realizadas até 30 de março de 2021 (EResp 1413542/RS) RECURSO DO RÉU PROVIDO NESTA PARTE. (TJSP. Apelação 1000480-78.2021.8.26.0210. Rel. Desembargadora Ana de Lourdes Coutinho Silva da Fonseca. Órgão Julgador: 13ª Câmara de Direito Privado. J. 07.03.2023).

AÇÃO DE REPARAÇÃO DE DANOS MATERIAIS E MORAIS. Cartão de crédito consignado. Regularidade da contratação, conforme documentos juntados pelo Banco-apelante, cujas assinaturas foram reconhecidas como suas pelo próprio Apelado. Inocorrência de saque a título de empréstimo. Mera anotação de reserva de margem consignada. Fraude bancária, contudo, configurada nas compras lançadas no cartão, que culminaram com descontos indevidos a título de margem consignada. Defeito no serviço bancário. Art. 14

do CDC e Súmula nº 479 do C. STJ. Devolução simples dos valores indevidamente descontados, pois não configurada má-fé da instituição financeira. Danos morais. Inocorrência. Ausência de ofensa à dignidade do Apelado. Sentença parcialmente reformada, para afastar a devolução em dobro e a condenação em danos morais, mantida tão somente a repetição simples do indébito. Sucumbência recíproca declarada. (TJSP. Apelação 1000767-15.2021.8.26.0445. Rel. Desembargador Tasso Duarte de Melo. Órgão Julgador: 12ª Câmara de Direito Privado. J. 25.05.2022)

Com isso, determino a devolução simples de todos os valores descontados irregularmente do benefício do autor-apelante, com correção monetária de acordo com a Tabela de atualização do TJSP, e incidência de juros moratórios de 1% ao mês, ambos desde cada desembolso, por se tratar de responsabilidade extracontratual.

No que tange ao dano moral, não verifico a ocorrência de danos morais indenizáveis, pelo que também é o caso de parcial reforma da sentença.

Do que se observa dos autos, não restou comprovado que o autor-apelante tenha sofrido lesão a sua honra, imagem ou outros direitos da personalidade, aptos a ensejar indenização por dano moral.

A esse respeito, o Colendo Superior Tribunal de Justiça fixou o seguinte entendimento:

A caracterização do dano moral exige que a comprovação do dano repercuta na esfera dos direitos da personalidade. A fraude bancária, nessa perspectiva, não pode ser considerada suficiente, por si só, para a caracterização do dano

moral. Há que se avaliar as circunstâncias que orbitam o caso, muito embora se admita que a referida conduta acarrete dissabores ao consumidor. Assim, a caracterização do dano moral não dispensa a análise das particularidades de cada caso concreto, a fim de verificar se o fato extrapolou o mero aborrecimento, atingindo de forma significativa algum direito da personalidade do correntista. (STJ, AgInt nos EDcl no AREsp 1669683/SP, Rel. Ministro MARCO AURÉLIO BELLIZZE, TERCEIRA TURMA, julgado em 23/11/2020, DJe 30/11/2020).

AÇÃO DE CONDENAÇÃO À RESTITUIÇÃO DE VALORES E A INDENIZAR POR DANOS MORAIS. Desconto indevido em benefício previdenciário. Parcial procedência. Insurgência do autor. Órgão responsável pelo pagamento de benefício previdenciário. Pleito de reconhecimento de solidariedade passiva pelo desconto indevido. Postulante que desistiu do pedido quanto à referida autarquia. Homologação por sentença. Não conhecimento. Dano moral. Inocorrência. Não obstante o caráter alimentar atribuído ao benefício previdenciário, a hipótese retratada nos autos se caracteriza como mero aborrecimento, sem o potencial de causar danos à honra e à imagem do autor. SENTENÇA MANTIDA. RECURSO NÃO PROVIDO NA PARTE CONHECIDA. (Apelação Cível nº 1001064-07.2018.8.26.0484 Relator Des. Sebastião Flávio; 23ª Câmara de Direito Privado do TJSP - Data do Julgamento: 27/02/2019; grifo nosso).

Ação declaratória de inexistência de débito cumulada com indenização por danos morais - Sentença de procedência parcial - Descontos indevidos no benefício previdenciário da autora Ilícito caracterizado - Devolução na forma simples é o que se impõe, pois ausente a comprovação de má-fé - Danos morais inexistentes - Dissabor que não supera o mero aborrecimento - Sentença mantida - Recurso não provido. (Apelação Cível nº 1005351-35.2018.8.26.0024 - Relator Des. Marcia Dalla Déa Barone; 2ª Câmara de Direito Privado do TJSP - Data do Julgamento: 28/05/2012; grifo nosso).

Diga-se, nesse ponto, que não constou dos autos notícia de inscrição do autor nos órgãos de proteção ao crédito, tampouco indicações de que o bloqueio da conta tenha suprido condições de

subsistência.

Igualmente, quanto à teoria do desvio produtivo, embora o autor tenha despendido o seu tempo e enfrentado aborrecimento para solucionar a questão, não verifico nos autos a ocorrência de situação vexatória, nem lesão a direitos extrapatrimoniais, aptos a ensejar a indenização pretendida.

Em suma, não restou demonstrado que o requerente tenha sofrido qualquer empecilho no exercício de suas atividades cotidianas.

Descabida, portanto, a aplicação da teoria do desvio produtivo.

Sobre o tema, destaco os precedentes recentes deste Egrégio Tribunal de Justiça:

APELAÇÃO - AÇÃO DE INDENIZAÇÃO POR DANO MORAL. ADMISSIBILIDADE RECURSAL - Alegação do recorrido, em contrarrazões, da não observância, pela autora, do princípio da dialeticidade - Descabimento - Autora-apelante que se insurgiu contra os fundamentos da r. Sentença recorrida e se manifestou sobre as questões trazidas pelo Decisum hostilizado - Razões recursais que estão em harmonia com o disposto no art. 1.010, do CPC - PRELIMINAR REJEITADA. CONTRATO BANCÁRIO - Transferências indevidas ocorridos na conta da autora após ela fazer atualização de token a pedido de pessoa que teria ligado para a mesma - Falha de segurança - Não demonstração - Autora que sequer demonstrou ter recebido qualquer ligação telefônica na data dos fatos - Requerido que providenciou o estorno dos valores descontados imediatamente ao ser provocado administrativamente e antes mesmo da interposição desta demanda - DANO MORAL - Não ocorrência - Indenização - Descabimento - Abalo à imagem, nome e crédito da autora no mercado de consumo e na sociedade ou comprovação de privação de ordem

material - Não caracterização - Teoria do desvio produtivo - Inaplicabilidade - Ausência de demonstração de que a autora tenha sofrido qualquer empecilho em exercer regularmente suas atividades habituais - Incômodos ou dissabores de natureza como este em exame não caracterizam o dever de indenizar - Sentença de improcedência dos pedidos mantida - RECURSO NÃO PROVIDO. (TJSP; Apelação Cível 1024869-67.2024.8.26.0002; Relator (a): Desembargador Lavinio Donizetti Paschoalão; Órgão Julgador: 38ª Câmara de Direito Privado; Data do Julgamento: 11/09/2024; Data de Registro: 16/09/2024).

APELAÇÃO. AÇÃO DE EXIBIÇÃO DE DOCUMENTOS. SENTENÇA DE PARCIAL PROCEDÊNCIA. IMPROCEDÊNCIA DO PEDIDO INDENIZATÓRIO. CONDENAÇÃO DA AUTORA EM HONORÁRIOS. IRRESIGNAÇÃO. RESISTÊNCIA INJUSTIFICADA DA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA. HONORÁRIOS DEVIDOS À PARTE AUTORA. DANO MORAL NÃO CONFIGURADO. 1. Correspondência com a notificação extrajudicial foi recebida em 31 de março de 2023 e na contestação, apresentada em 25 de agosto de 2023, o réu não comprovou o envio de qualquer resposta à parte autora. Devidamente comprovada, portanto, a resistência injustificada da ré em apresentar os documentos, caracterizando-se a necessidade de propositura da presente demanda diante da inércia da instituição financeira. 2. Resistência injustificada da instituição financeira em fornecer a documentação requerida pela autora na esfera extrajudicial, o que impõe sua condenação ao pagamento dos honorários sucumbenciais. Enunciado 118 da II Jornada de Direito Processual Civil do Conselho da Justiça Federal. 3. Não há que se falar em reparação a título de danos morais, vez que a autora não realizou diligências excessivas para solução administrativa da controvérsia a ponto justificar a aplicação da teoria do "desvio produtivo do consumidor". 4. Recurso parcialmente provido. Reformada em parte a sentença. (TJSP; Apelação Cível 1044658-83.2023.8.26.0100; Relator (a): Desembargador Léa Duarte; Órgão Julgador: Núcleo de Justiça 4.0 em Segundo Grau Turma IV; Data do Julgamento: 19/08/2024; Data de Registro: 19/08/2024).

Dessa forma, incabível a condenação dos réus ao pagamento de indenização pelos danos morais, que não restaram configurados.

Ante o acolhimento parcial do recurso

do réu, também para o fim de afastar a indenização por danos morais, dou por prejudicado o recurso do autor-apelante, que visa apenas a majoração dos danos morais e dos honorários advocatícios.

Sem majoração de honorários na fase recursal, nos termos do tema 1059 do Colendo Superior Tribunal de Justiça:

A majoração dos honorários de sucumbência prevista no art. 85, § 11, do CPC pressupõe que o recurso tenha sido integralmente desprovido ou não conhecido pelo tribunal, monocraticamente ou pelo órgão colegiado competente. Não se aplica o art. 85, § 11, do CPC em caso de provimento total ou parcial do recurso, ainda que mínima a alteração do resultado do julgamento ou limitada a consectários da condenação.

Para fins de acesso aos Egrégios Tribunais Superiores, fica reconhecido o prequestionamento de toda a matéria aduzida, sendo desnecessária a citação numérica dos dispositivos legais.

Atentem as partes, e desde já se considerem advertidas, que a oposição de embargos de declaração fora das hipóteses legais e/ou com efeitos infringentes lhes sujeitará à imposição da multa prevista pelo artigo 1.026, §2º, do Código de Processo Civil.

MARCOS DE LIMA PORTA

Relator